

Quarta-feira, 24 de Junho de 1959

RUBEM BRAGA

LEMBRANÇAS

PAULO SILVEIRA vem fazendo, na «Última Hora», uma série de artigos muito interessantes em que prega a nacionalização dos seguros e dos bancos de depósito.

Em seu artigo de ontem ele diz que foi o sr. Getúlio Vargas, quando ainda ministro da Fazenda de Washington Luís, quem primeiro levantou a bandeira da nacionalização dos seguros em nosso país. A Constituição de 1934 e a «polaca» de 37 incluíam dispositivos nesse sentido. É típico do comodismo do Vargas o fato de que, embora dispondo de poderes absolutos, inclusive o monopólio das fontes formadoras da opinião, ele nada fizesse, durante o Estado Novo, para tornar uma realidade essa nacionalização. Cedeu sempre à lábia dos excelentes advogados das empresas. Foi sempre deixando como estava para ver como é que ficava... O que se fez foi muito nacionalismo de folclore; lembro-me do presidente e vários de seus ministros todos enfiados em costumes de carová...

Há coisas assim que a gente vai esquecendo, mas tem sua graça. Lembro-me de uma das loucuras publicitárias mais notáveis do Estado Novo: todo ano se comemorava solenemente e muito a sério o aniversário do «Discurso do Rio Amazonas». A pobre Amazônia vivia largada para lá, e só lembrada quando os Estados Unidos precisaram de borracha durante a guerra, e com eles firmamos os célebres Acórdos de Washington. Importante mesmo era o Discurso.

É claro que a culpa desses ridículos não cabia ao Ditador, mas à gente que o rodeava, ansiosa de ter «idéias» para agradar ao Chefe. Com o doutor Juscelino a coisa é diferente. A gente não precisa dizer que ele é bonito nem bom rapaz. Basta elogiar Brasília que ele se abre em um sorriso desvanecido de pai vaidoso. Tocar ou cantar o «Peixe Vivo» já foi negócio, mas parece que acabou, como diz o vulgo, enchendo. Brasília, não.

Há tempos, numa recepção, a senhora de uma importante figura palaciana pediu minha opinião sobre a letra de um hino de Brasília. Desconversei o mais que pude, mas a senhora tinha urgência: o hino tem de estar pronto até tal dia. Acabei sendo franco:

— Não há tanta pressa assim, minha senhora. O Rio é capital há séculos, e se tem algum hino ninguém sabe.

Mas a simpática senhora tinha razão, ou melhor, tinha suas razões: ela sabia para que ouvidos estava arrumando aquela cantiga.